

ICMBio

Edição 518 - Ano 11 – 7 de junho de 2019

em foco

Programa Monitora
compartilha aprendizados e
conhecimentos

Parceria promove manejo e sinalização
da Travessia da Serra dos Órgãos

Flona realiza trabalho
socioeducativo ambiental

Parna de São Joaquim realiza
ações para proteção da UC

Oficina de teatro trabalha conflitos em UCs do sul da Bahia

O Conselho Consultivo da Reserva Biológica de Una e do Refúgio de Vida Silvestre de Una, localizadas no sul da Bahia, promoveu a oficina "Agricultura e Florestas". O objetivo do evento, realizado em 23 de maio, foi trabalhar os conflitos existentes nas duas unidades de conservação, como extração ilegal de madeira, queimada e novas construções em propriedades não indenizadas.

O elemento surpresa da reunião foi a dinâmica da atividade. Em clima de São João, os conselheiros participaram de uma dinâmica de grupo ao som do forró nordestino. Eles dançavam, abraçavam uns aos outros, cumprimentavam-se e caminhavam pela sala. Quando a música foi interrompida, três grupos foram formados para criar apresentações de teatro baseadas nas situações identificadas em reunião prévia do Grupo de Trabalho de capacitação, formado pelos conselheiros.

Foram três encenações, com troca de papéis: quem é agricultor interpretava o papel de fiscal do ICMBio, esse fazia o papel do agricultor. E assim foi com instituições como Incra, Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema) da Bahia, Ibama, Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), indígenas e empresários. Os conselheiros puderam encenar casos de situações conflitantes com o propósito de se colocar no lugar do outro. A proposta foi recebida com entusiasmo e proporcionou reflexão de forma lúdica.

O conselheiro Luiz Soares da Silva, da associação do Cajueiro I, interpretou o papel de fiscal do ICMBio. "Ficou bem claro que as situações são da maneira que interpretamos (em cena). O cara ser fiscal por uma hora deu (sic) para apresentar um pouco da realidade do que acontece no órgão ambiental", relata o conselheiro. Questionado se seria fiscal do ICMBio, ele respondeu de forma enfática: "Não! Seria fiscal do fiscal do ICMBio, protegendo a comunidade e defendendo meus companheiros". Ele revela, porém, que foi uma ótima experiência.

Sobre a atuação, ele informou que entende o papel do fiscal, mas achou uma atividade difícil: "Ave Maria! A princípio eu achava que não tinha clima, mas depois fui pegando uma base", confessa. E complementa: "Hoje eu me senti emocionado e feliz de participar do teatro, das pessoas gostarem de minha apresentação".

O indígena Paulo Tupinambá, da região do Acuípe de Baixo (comunidade indígena na cidade de Ilhéus) e conselheiro das unidades, interpretou o papel de agricultor. Ele fala que foi uma experiência positiva: "Me senti bem em me colocar no lugar do agricultor, e entendo que ele precisa sobreviver, mas também tem que preservar o meio ambiente". Sobre a dinâmica do teatro, avalia que é bom trabalhar o grupo, pois cada um percebe o ponto de vista do outro, e considera que é necessário o diálogo para resolução do conflito, além do bom senso. "Achei a reunião bem produtiva, muito interessante. De todas que vim, acho que foi a mais produtiva, teve mais participação dos conselheiros", resume o indígena.

Após as encenações, foi feita uma roda de diálogo, para esclarecer dúvidas sobre os casos de conflito existentes na Rebio e RVS de Una, e uma reflexão sobre como cada um se sentiu ao se colocar no lugar do outro, se poderia ajudar na resolução do conflito e quais ferramentas ou conhecimento utilizar para minimizar essas situações conflitantes. Após a oficina, a reunião prosseguiu com a pauta de renovação do mandato do conselho.



Atividade possibilitou troca de experiências entre participantes

Nayara Lobo

Rede de instituições para redução da pesca ilegal planeja ações

A Rede de Informações e Ações para a Redução da Pesca Ilegal, em construção no litoral norte de Santa Catarina, reuniu-se na última semana, no Cepsul. O grupo é coordenado pelo Ibama/Itajaí e conta com a parceria do centro de pesquisa do ICMBio e de várias outras instituições.

A Rede visa a integração, buscando otimizar o trabalho de diferentes instituições na redução da pesca ilegal, a partir das demandas de informações e ações por parte das fundações municipais de meio ambiente da região. O grupo parte da premissa de que para redução da pesca ilegal não bastam ações de fiscalização. Embora elas sejam fundamentais, a Rede acredita que é preciso integrá-las a ações de sensibilização e educação ambiental, pesquisa e monitoramento, envolvendo diferentes níveis de governo, articulação com a sociedade civil e busca da ampla participação da sociedade.

Na reunião, foi promovida a articulação de ações junto às fundações de meio ambiente de municípios do litoral norte de Santa Catarina, resultando em um planejamento estratégico e integrado de ações. A construção do documento foi baseada em um diagnóstico,

discutido em fevereiro, das capacidades estruturais e de atuação instaladas em órgãos como Ibama, Cepsul, Cemave, Tamar, Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos/Universidade do Vale do Itajaí, Instituto Anjos do Mar, Rebio do Arvoredo e Projeto Albatroz.

"Ações integradas de pesquisa, monitoramento, sensibilização e fiscalização ambiental são fundamentais, levando em conta a necessidade de otimização de recursos de cada instituição e, principalmente, considerando a importância da adequação de ações em cada município, de acordo com suas realidades e capacidades de governança", comentou Roberta Aguiar dos Santos, coordenadora do Cepsul.

Para Jefferson Amaro, chefe do Ibama/Itajaí e coordenador da Rede, a perspectiva é a integração cada vez maior de instituições, gerando ações efetivas. "Saímos da reunião com cronograma de ações definido, iniciando com uma atividade ampla de capacitação em legislação de pesca e procedimentos de fiscalização envolvendo todos os parceiros para junho", complementa Jefferson.



Participantes da Rede para Redução da Pesca Ilegal

Arquivo Cepsul

Encontro debate monitoramento no Jaú e Unini



No mês de maio, foi realizado o Encontro dos Saberes, um evento do Programa Nacional de Monitoramento da Biodiversidade no Parque Nacional do Jaú e Reserva Extrativista do Rio Unini (AM). Reunidos no município de Novo Airão, servidores do ICMBio, pesquisadores e comunitários trocaram conhecimentos sobre os dados coletados nos últimos cinco anos nas duas unidades de conservação.

Promovido juntamente com o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), o evento é mais uma etapa da Construção Coletiva de Aprendizados e Conhecimentos (CCAC), uma iniciativa que busca ampliar a participação cidadã após a fase de coleta de dados. Por meio do Monitora, são realizados seminários, encontros, capacitações e oficinas de trabalho para discutir a implementação do monitoramento participativo, traçando diretrizes e trocando experiências.

Durante o encontro, os monitores apresentaram como são as etapas da trilha de monitoramento, a coleta dos dados, o dia a dia e quais ferramentas são utilizadas para obtenção dos dados. Com ajuda de dinâmicas em grupo e facilitação gráfica, essa demonstração possibilita que outros comunitários e pesquisadores entendam como são realizados os protocolos de monitoramento nas duas UCs.

Mais de 140 pessoas estiveram presentes, entre monitores, membros das comunidades e representantes de várias instituições que apoiam e realizam os trabalhos de monitoramento, como o ICMBio e seus centros de pesquisa, IPÊ, Fundação Vitória Amazônica (FVA), Wildlife Conservation Society (WCS-Brasil), Prefeitura de Novo Airão, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e universidades Federal do Amazonas (Ufam) e de Brasília (UnB).

MONITORAMENTO E RESULTADOS

Com o apoio do IPÊ, o ICMBio está implementando, desde 2014, o Projeto de Monitoramento Participativo em 17 UCs.

No Parna do Jaú, é realizado o monitoramento do componente Florestal, do Subprograma Terrestre, com a coleta de dados de borboletas, aves, mamíferos e plantas lenhosas. Além disso, também ocorre o monitoramento do componente Área Alagável, do Subprograma Aquático Continental, que tem como alvo complementar os quelônios aquáticos. Já na Reserva Extrativista do Rio Unini, são monitorados dados apenas do Componente Área Alagável, mas, além dos quelônios, o pirarucu também é incluído.

Depois de cinco anos, o encontro dos saberes discutiu importantes resultados com as unidades, como a quantidade de animais avistados nas trilhas de monitoramento e as espécies de aves e mamíferos mais comuns na região. Também foi discutida a utilização das borboletas frugívoras como indicadores biológicos, mostrando claramente uma diferença no padrão dos dados de 2016 para os demais anos, o que gerou uma discussão com os moradores das UCs sobre o porquê dessas ocorrências. Foram levantadas hipóteses que relacionam essa alteração com a forte seca e grande presença de queimadas no final de 2015.

Para Francisca de Brito, moradora do Rio Unini, o que mais chama atenção é a importância dos peixes e dos quelônios, já que o monitoramento permitiu entender melhor os estoques e onde estavam presentes esses animais. "O que dá para ver é a segurança, a importância de cada objetivo, o que significa o monitoramento e para que serve. Normalmente as pessoas já sabem, mas não como foi apresentado aqui", completa Francisca.



Durante o evento, foram analisados os dados acumulados entre os anos de 2014 e 2018

Analisando os dados acumulados entre 2014 e 2018, estima-se que as espécies monitoradas de quelônios nas UCs apresentam-se estáveis, com grandes estoques e acréscimo no número de ninhos, o que equivale ao aumento do número de fêmeas reprodutoras. Um indicador importante do número de indivíduos é o baixo índice de recaptura dos quelônios marcados para monitoramento: apenas seis indivíduos foram recapturados em meio a mil capturas ao longo dos cinco anos analisados.

Além dos quelônios, outro destaque foram os dados do monitoramento participativo no Parna do Jaú. A diversidade de tamanho das árvores apresenta uma distribuição esperada de árvores grandes, médias e pequenas para florestas saudáveis e bem preservadas. Isso garante a continuidade da floresta e da sua prestação de serviços ambientais, como captura de carbono, regulação do clima e ciclo hidrológico.

Para Cristina Tófoli, coordenadora de projetos do IPÊ, o impacto dos resultados do monitoramento para as comunidades locais depende da aproximação do saber tradicional com os saberes técnico-científicos, para aplicarem no dia a dia esse conhecimento e ajudar no manejo dos recursos naturais.



Resultados foram apresentados para mais de cem participantes

ODS relacionados



Parceria promove manejo e sinalização da Travessia da Serra dos Órgãos

A Travessia Petrópolis-Teresópolis, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ), recebeu novas setas e marcos para orientação nos pontos mais críticos, em uma parceria do ICM-Bio com o projeto Caminho da Mata Atlântica e a Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro (FEMERJ). A subida do elevador, uma escada artificial no paredão mais vertical da trilha, também recebeu novos degraus para proteger a vegetação.

A travessia é considerada a mais antiga trilha de longo curso aberta com finalidade recreativa no Brasil, tendo sido realizada pela primeira vez pelo Centro Excursionista Brasileiro, em 1924. É também a trilha de montanha mais bem estruturada, com abrigos de montanha e áreas de camping nos locais de pernoite operados por concessionários. A trilha pesada, com quase 30 km passando por várias montanhas e com ganho de altitude de cerca de 2.300 m, é realizada normalmente em três dias.

Uma equipe com pessoal do parque, da FEMERJ e voluntários do Caminho da Mata Atlântica fez a travessia em dois dias instalando novas setas de metal nos trechos de rocha e repintando as antigas com tinta e microesferas refletivas. O sentido Teresópolis foi pintado de amarelo e o sentido Petrópolis de branco. Os marcos foram fixados com cola especial e tiveram a pedra superior também pintada de amarelo, conforme discutido e aprovado pelo Conselho Consultivo da unidade de conservação.

A travessia está inserida no circuito Caminhos da Serra do Mar e é um dos trechos de destaque



Travessia é considerada a mais antiga trilha de longo curso aberta com finalidade recreativa no Brasil

do Caminho da Mata Atlântica, trilha de longo curso que percorre toda a Serra do Mar e o cânions do sul, ligando o Parque Nacional dos Aparados da Serra (RS) ao Parque Estadual do Desengano (RJ). São 3.800 km cruzando mais de 70 unidades de conservação. Placas informativas sobre o Caminho foram instaladas nas portarias e abrigos de montanha.

O chefe do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Leandro Goulart, destaca a importância da iniciativa: “Trilhas de longo curso são uma estratégia importante para sensibilizar pessoas e aumentar a conectividades entre áreas protegidas. Parcerias como essa mostram que as trilhas são importantes não só para os parques, mas para a sociedade”.

Nesta semana, a mesma parceria promoveu a Oficina de Capacitação em manejo e sinalização de trilhas para funcionários, condutores e voluntários do parque como parte da programação da Semana do Meio Ambiente.

Flona Mário Xavier realiza Semana da Biodiversidade

Acervo Flona Mário Xavier



Evento permitiu a integração entre diversos públicos

nidade científica, sociedade civil e setores público e privado somam e agregam colaboradores nesta rede em prol da conservação e proteção de áreas verdes”, afirmou.

O incentivo à cultura também esteve presente na programação, que contou com oficina de pintura com tinta de solo, espetáculo teatral e apresentações de maracatu e da Escola de Música Villa Lobos. “Essa última faz parte de uma parceria entre a Flona, a UFRJ, a Faculdade de Educação Tecnológica do Estado Rio de Janeiro e a escola de música, que tem como objetivo levar

música para espaços públicos e áreas verdes e assim apresentar o tema meio ambiente de forma lúdica, promovendo entretenimento e conscientização sobre as questões ambientais”, explicou Ricardo.

Os minicursos apresentaram diversos temas, como plantas alimentícias não convencionais, importância dos Hymenopteros (abelhas, vespas e formigas) para manutenção da biodiversidade e uso da biodiversidade (nativa e exótica) para produção de produtos de higiene pessoal/beleza e repelentes.

Alex Braz Iacone Santos, professor do Colégio Técnico da UFRJ, participou do evento e ressaltou a integração das instituições na realização da Semana da Biodiversidade. “Essa interação efetiva entre os diferentes órgãos é de fundamental importância para solidificação de ações conjuntas em benefício regional e das demandas específicas de cada instituição. Certamente o evento ultrapassou a escala local e servirá de referência para o surgimento de novas propostas de uso público da UC”, ressaltou.

O evento contou com apoio da empresa Ônibus Real Rio.

Em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ), foi realizada em maio a I Semana da Biodiversidade na Floresta Nacional Mário Xavier (RJ). O evento teve como proposta, além da integração, transmitir conhecimento, informação e cultura a toda comunidade por meio de debates e oficinas relacionados à temática biodiversidade.

A programação incluiu debates sobre assuntos como agroecologia, polinizadores e sua importância, importância da realização de encontros com pesquisadores em UCs e produção de produtos de higiene pessoal com extratos florestais. Em uma roda de conversa, o chefe da Reserva Biológica do Tinguá, localizada também no estado do Rio de Janeiro, falou sobre a gestão da unidade de conservação.

Ricardo Nogueira, chefe da Flona, conta que o evento permitiu a divulgação da unidade em vários segmentos da sociedade. “A possibilidade de unir forças e objetivos que vão ao encontro dos interesses ecológicos da Flona tem contribuído muito nas atividades, aproximando a UC dos moradores de Seropédica e de outros municípios vizinhos, entre outros setores da sociedade. As parcerias com comu-



Brigadistas atuam na proteção do Parna

Parna de São Joaquim realiza ações para proteção da UC

A gestão do Parque Nacional de São Joaquim (SC) realizou, no mês de maio, uma série de ações voltadas à proteção da unidade de conservação.

Entre os dias 13 e 17 de maio, foi promovido o curso de formação da brigada de combate a incêndios florestais, com o apoio dos instrutores Paulo Sérgio Campos Avelar, do Parna dos Aparados da Serra/Serra Geral, e Adão Luiz da Costa Gullich, da Flona de Passo Fundo. Além da prevenção e combate a incêndios florestais, a brigada prevê apoio operacional para diversas atividades, especialmente aquelas voltadas ao Uso Público, como manejo e sinalização de trilhas.

Segundo o gerente do Fogo do Parque, Gustavo Nabrzecki, “a contratação temporária é indispensável para o período de inverno e início da primavera, pois a vegetação de campos nativos seca nesta época do ano, caracterizada pela menor pluviosidade e ocorrência de geadas e neve, tornando-se bastante suscetível a incêndios naturais ou decorrentes da ação humana”.

Outra atividade realizada no Parna de São Joaquim foi a operação de fiscalização “Venandi”, entre os dias 24 e 28. O objetivo foi coibir ilícitos como caça, extração de pinhão, desmatamentos, invasão da UC por gado e construções irregulares. A operação contou com o apoio da Polícia Militar Ambiental de Laguna e do servidor José Wilson da Silva Junior, da APA da Baleia Franca.

Durante a operação, foram percorridas áreas pertencentes aos cinco municípios abrangidos pelo Parna (Lauro Muller, Urubici, Bom Jardim da Serra, Orleans e Grão-Pará). Foram constatados indícios de caça e de furto de pinhão em algumas áreas, inclusive com a descoberta de sacos escondidos na mata, com dezenas de pinhas prontas para serem retiradas da UC.

Segundo o chefe da UC e coordenador da Operação, Paulo Santi Cardoso da Silva, “ações como esta são de extrema importância, pois, além de coibir ilícitos, viabilizam a presença institucional em locais normalmente pouco acessados pela equipe do Parna, em virtude das distâncias e da dificuldade de acesso”.

ODS relacionados



ICMBio em Foco - nº 518

ODS relacionados



Acervo Parna de São Joaquim

Flona realiza trabalho socioeducativo ambiental

Crianças e jovens piauienses encontram-se todos os sábados, na Floresta Nacional de Palmares, para participar do Projeto Socioeducativo Ambiental Palmares. Atualmente, cerca de 45 participantes, entre 7 e 17 anos de idade, vivenciam capacitações em educação ambiental, direitos humanos, ética e cidadania e música, entre outras temáticas.

Com uma carga horária flexível, as aulas de capacitação são ministradas em sua grande maioria por profissionais voluntários. Segundo Gaspar Alencar, chefe da Flona, “a grande pretensão não é ensinar, mas fazer pensar, discernir e ponderar as coisas”. Adriel Fernandes, de 12 anos, desenvolve várias atividades, como as de reconhecimento de rastros de animais nas trilhas para conhecimento da flora e fauna do local. “Aprendi coisas novas que não sabia, que vou usar no dia a dia. Aprendi que, se desmatar-mos, os animais não terão onde viver”, conta.

As crianças também trazem conhecimentos sobre as plantas, ensinados pelos pais. Francisca de Lourdes, que tem três filhos participantes do projeto, conta sua experiência: “Eles dão um pouco de trabalho, por acordar cedo, mas são ligeiros! Lá aprendem mais. Quando chegam, vêm com novidade, o que é muito bom para eles”.

Em outro projeto, promovido em parceria com a Universidade Federal do Piauí, também são trabalhadas atividades de educação ambiental com crianças e a comunidade do entorno da unidade de conservação. A professora Patrícia Maria Martins, coordenadora do projeto, conta que é feito um trabalho de sensibilização dividido em vários subprojetos. “Tem o pessoal que trabalha com viveiros, atividades lúdicas ao ar livre. São ações que buscam a preservação e conservação da natureza por meios de ações de educação ambiental”, afirma.



Estudantes de pedagogia em aula ar livre



Joaquim Cantanhede

Desenvolvido por estudantes do curso de Ciências da Natureza, entre os subprojetos está a atividades de artesanato desenvolvida pelas universitárias Ana Livia Solano e Suzane Nascimento. O subprojeto atende mulheres da comunidade nas produções de materiais como descanso de mesa, tapetes e potes. “O objetivo é gerar renda, trabalhando aliado à educação ambiental, para que elas entendam a importância de conservação do meio ambiente e do reaproveitamento de materiais presentes em casa”, explica Ana Livia.

O estudante Yuri Araújo, que desenvolve o trabalho de conclusão de curso no parque observando essas ações, busca compreender

a interação da comunidade com a Flona de Palmares. De acordo com a pesquisa do estudante, aplicada por meio de questionários, há pouca interação devido à falta de conhecimento das atividades desenvolvidas.

O estudante destaca que a maioria das pessoas pensam que as atividades são destinadas exclusivamente para as crianças quando, na verdade, são para toda a comunidade. O universitário fala da importância da comunidade como protetora da floresta. “O meio ambiente é comum a nós. É meu, é seu. E, caso haja deterioração, o problema é nosso. Todos serão prejudicados”, opina.

Conhecimentos compartilhados, saberes coletivos



Gabriel Schulz



Gestores de UCs, monitores e comunitários compartilharam suas experiências durante o evento

Terminou nesta quinta-feira (6), o II Seminário de Construção Coletiva de Aprendizados e Conhecimentos. O evento reuniu gestores de unidades que implementam o Programa Monitora, além de monitores e comunitários que estão inseridos na iniciativa. O encontro ocorreu em Brasília (DF) e começou na terça-feira (4).

Durante o seminário, os participantes compartilharam experiências, os diferentes olhares sobre a biodiversidade e o que se pode aprender por meio do diálogo de saberes. A iniciativa faz parte do Programa Monitora, criado em 2011 pelo ICMBio como um aprimoramento do modelo de monitoramento que começou em 2007, com a criação do instituto.

Palestras abordaram o encontro dos saberes como estratégia de ampliação de diálogos e possibilidades locais do Monitora. Depois, rodas de conversas enriqueceram as vivências dos diferentes participantes das UCs amazôni-

cas. Dentro do monitoramento participativo, a comunidade residente no interior ou entorno de unidades de conservação é convidada a colaborar com o processo.

A coordenadora-geral do Projeto do Ipê, Cristina Tóffoli, ressalta a importância do monitoramento para entender a dinâmica das florestas em vez de pesquisas pontuais que podem não transcrever a realidade. Para Kátia Torres, coordenadora-geral de Pesquisa e Monitoramento da Biodiversidade, o processo é fundamental para a implementação efetiva das unidades de conservação à medida em que se conhece quais espécies constam naquela localidade e suas populações. Para ela, o monitoramento mede o impacto real das estratégias de conservação. Quando feito de maneira participativa, o monitoramento permite a apropriação dos resultados por parte dos envolvidos e o compartilhamento de percepções.

PUBLICAÇÃO

Na ocasião, foi lançada a segunda edição da publicação "Monitoramento Participativo da Biodiversidade: Aprendizados em Evolução". O livro traz anotações de experiências em unidades de conservação na Amazônia Brasileira entre 2013-2017, estratégias, ferramentas e um passo a passo da implementação.

SABERES COMPARTILHADOS

A ideia de construção coletiva veio de um incômodo sobre devolutivas às comunidades, que se sentiam desvinculadas das interpretações e análises anteriormente feitas apenas pelos pesquisadores. Neste segundo seminário, foi a hora de saber como o monitor está exercendo o papel de protagonista da narrativa do monitoramento e como o conhecimento tradicional é agregado ao acadêmico.

Esta é uma perspectiva do que se entende como ciência cidadã, uma junção do conhecimento tradicional e do científico, que podem agir complementando um ao outro, ao mesmo tempo em que aproxima a comunidade e reforça o sentimento de pertencimento. No Programa Monitora, os monitores, em geral, pertencem à comunidade local, que passa a agir como parceira, diminuindo os conflitos com os gestores das UCs.

A participação veio desde o planejamento dos alvos, validação da metodologia, coleta de dados, capacitações e análises de dados, sempre utilizando os conselhos consultivos como instâncias de apoio nas comunidades. Em junho de 2018, ICMBio e Ipê começaram a testar modelos de como as informações de monitoramento poderiam ser aplicadas e discutidas e não apenas apresentadas aos gestores e moradores das UCs.

Na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (PA), oito comunidades fazem parte do



monitoramento. Lá são implementados o protocolo básico do componente terrestre (plantas, borboletas frugívoras, etc) e protocolos complementares demandados pelos próprios comunitários para avaliação dos recursos da UC. Na visão da gestora da

Resex, Jackeline Nóbrega, sem a comunidade, o monitoramento é inviável. De acordo com ela, as comunidades precisam estar conectadas com o monitoramento do planejamento à análise de dados, pois são as principais beneficiadas.

Jesuíno Pereira Chaves, conhecido como Jarana, é comunitário da Resex Tapajós-Arapiuns e destaca a necessidade da conservação, pois a falta de recursos vai atingir primeiro as comunidades residentes nas UCs. Para ele, o investimento na capacitação gera resultados positivos para conscientização da comunidade e para mostrar a importância da biodiversidade.

Assim como Jarana, monitores de diferentes unidades compartilharam experiências, pontos positivos e principais dificuldades, como a resistência em trabalhar com os gestores. Outra dificuldade é com os invasores que entram na UC para extrair recursos ilegalmente. Para eles, ainda é um desafio convencer a todos que os recursos naturais são finitos e que sua escassez pode comprometer gerações futuras. Devido a esse fator, eles relatam que seus pares ainda têm a dificuldade de compreender que a conservação dos recursos natu-

rais não é feita para usufruto do ICMBio e sim da própria comunidade, que depende desses meios para sobrevivência imediata.

Além do maior envolvimento com o território, os monitores também relatam outros aspectos positivos trazidos com o projeto. Tanto entre os jovens quanto entre os mais antigos, a alegria de ter a profissão "Monitor da Biodiversidade" é exibida com orgulho e alegria. O conhecimento adquirido também é aplicado para a produção sustentável dentro das associações comunitárias e alguns até trilham o caminho acadêmico com base no que aprenderam como monitores.

O Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), junto com a Fundação Moore, é parceiro do ICMBio desde 2014 no monitoramento. Eles auxiliam o ICMBio na implementação dos protocolos de monitoramento junto aos gestores, parceiros e comunitários. Para o futuro, Cristina Tóffoli aposta no fortalecimento da participação social na conservação social, não só na Amazônia, mas em todos os biomas. Ela acredita que, com o engajamento, o Monitora pode solidificar um papel importante na elaboração de políticas públicas ambientais.



ODS relacionados



Curta

Acadebio sedia encontro de policiais militares ambientais

A diretoria do Instituto Chico Mendes participou, nos dias 4 e 5 de junho, do Encontro Nacional de Polícias Militares Ambientais. O evento, promovido na Acadebio, teve como objetivo promover o aperfeiçoamento técnico da atividade de policiamento ambiental no Brasil. Na ocasião, representantes de 22 estados do Brasil tiveram a oportunidade de socializar experiências e as melhores práticas na área. A programação contou com painéis sobre a atuação das polícias militares ambientais dentro do Sisnama, estratégias de prevenção e combate ao crime na área rural, conciliação ambiental e uso da tecnologia na atividade de fiscalização e policiamento ambiental.



Presidente e diretores do ICMBio participaram do evento

TCU realiza visita técnica a UCs

O Tribunal de Contas da União realizou, entre os dias 27 e 31 de maio, visita técnica a unidades de conservação no âmbito da auditoria operacional desenvolvida pelo órgão. Nos moldes do que já foi promovido em 2013/2014 para unidades da Amazônia, agora o TCU está avaliando UCs em todo o País. Nesse período, duas equipes visitaram unidades do Sudeste – APA de Cairuçu e parques nacionais da Serra da Bocaina, da Tijuca, da Serra dos Órgãos e do Itatiaia – e da Amazônia, na área da BR 163 – Flona do Tapajós, parques nacionais da Amazônia e do Jamanxim, Resex Tapajós-Arapiuns e

UNA Itaituba. A equipe realizou reuniões com as equipes da Coordenação Regional em Santarém e visitou áreas de manejo comunitário na Flona do Tapajós, além da área de concessão florestal da Pataua Florestal, que possui concessão na Flona de Altamira. As equipes do ICM-Bio, da CR 3 e da UNA Itaituba acompanharam as visitas com o diretor da Diman, Marcos de Castro Simanovicda. No Sudeste, a coordenadora Larissa Diehl acompanhou as equipes do TCU. Ainda serão realizadas mais quatro visitas técnicas em outras regiões.

Publicado Plano de Manejo da Flona do Tapajós

Foi publicado na última semana, no Diário Oficial da União (DOU), a portaria que aprova a revisão do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Tapajós. De acordo com o gestor da UC, José Risonei, a publicação do documento representa uma conquista para as comunidades tradicionais da unidade de conservação, que participaram do processo de revisão e aguardavam sua publicação. “Agradeço a colaboração da Cooperativa Mista da Flona do Tapajós, da Federação das Organizações e Comunidades Tradicionais da UC e demais parceiros que contribuíram bastante com o processo de revisão do plano de manejo”, destacou Risonei.



Comunitários participaram da construção do plano de manejo

ODS relacionados



UCs marinhas participam de plenária do Comitê Permanente de Atuns e Afins

As áreas de proteção ambiental de Trindade e Martim Vaz e Arquipélago São Pedro e São Paulo participaram da 11ª Reunião Plenária do Comitê Permanente de Gestão da Pesca (CPG) de Atuns e Afins, realizada nos dias 28 e 29 de maio, em Natal (RN). O CPG é o espaço mais importante de gestão da pesca em mar aberto e onde são definidas as estratégias de participação do Brasil no Comitê Internacional da Conservação dos Atuns do Atlântico (ICCAT). A oportunidade permitiu à equipe reforçar as regras de pesca que estão em vigor em cada área, apresentar o trabalho realizado pelo ICMBio e implementar a gestão das áreas. Parte da discussão foi sobre as principais formas potenciais de integração

e parcerias entre o ICMBio e o Ministério do Meio Ambiente, a Secretaria de Aquicultura e Pesca, Sindicatos e Associações de Pesca. Também foram realizadas reuniões paralelas para discutir um programa voluntário de monitoramento e boas práticas de pesca, inicialmente com a frota espinheleira sediada em Natal. A participação das UCs marinhas neste fórum de discussão demonstra que existem muitas formas pelas quais elas podem contribuir com a gestão racional da pesca e, também, como uma gestão eficiente da pesca a nível nacional e internacional pode contribuir com os objetivos de conservação dessas unidades.

ODS relacionados



UCs promovem cadastro de moradores

Em uma parceria entre ICMBio e Prefeitura de Porto Velho, foi realizada de 27 de maio a 2 de junho, na Reserva Extrativista Lago do Cuniã e Floresta Nacional de Jacundá (RO), o cadastramento dos moradores das UCs no Cadastro Único – CadÚnico. O objetivo é possibilitar o acesso dos moradores aos benefícios sociais do governo federal, especificamente ao Projeto de Acesso e Implantação de Tecnologia Sociais de Acesso a Água para Consumo Humano e Produção. Dez comunidades das duas unidades de conservação foram visitadas. O trabalho possibilitou o cadastro e orientação de 155 famílias.



Ação cadastrou 155 famílias

Evento debate pesquisa em UCs paraibanas



Painéis apresentaram as temáticas Extensão e Uso Público, Bens e Serviços e Conservação da Biota

Nos dias 30 e 31 de maio, aconteceu o I Seminário de Integração de Pesquisas das Unidades de Conservação da Paraíba - SINUCs. O evento buscou compartilhar o conhecimento atualmente gerado e evidenciar o potencial de desenvolvimento de pesquisas voltadas à con-

servação de áreas protegidas. Na oportunidade, foram apresentados trabalhos realizados nas unidades de conservação, visando integrar a pesquisa com a gestão, identificar lacunas de informação e incentivar novos estudos. Durante o seminário, promovido na Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo, cerca de 80 pessoas puderam participar de mesas redondas e da exposição de painéis sobre três temáticas: Extensão e Uso Público, Bens e Serviços e Conservação da Biota. A proposta é que o evento seja bianual e os próximos tenham a participação de unidades de conservação estaduais e municipais. O evento contou com o apoio da Coordenação de Pesquisa e Gestão da Informação sobre Biodiversidade (Copeg) e da Coordenação Regional 6, além da parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

*Parna dos Campos
Amazônicos
(RO/MT/AM)*





ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ivanna Brito

Projeto Gráfico

Bruno Bimbato

Narayananne Miranda

Diagramação

Celise Duarte

Chefe da Divisão de Comunicação

Ricardo Peng

Foto da Capa

Marcio Uehara-Prado

Colaboradoraram nesta edição

Ana Luiza Castelo Branco Figueiredo – Parna de São Joaquim; Bruno Bimbato – DCOM; Cristiano Andrey – Resex Lago do Cuniã; Ernesto V. Castro – Parna da Serra dos Órgãos; Joelma Abreu; Léia Lobo de Souza Carvalho – Flona da Restinga de Cabedelo; Léia Soares – Flona do Tapajós; Mônica Brick; Nayara Lobo – NGI Ilhéus; Ricardo Nogueira – Flona Mário Xavier; Walter Steenbock – Cepsul; Ramilla Rodrigues - DCOM.

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP: 70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 comunicacao@icmbio.gov.br - www.icmbio.gov.br



facebook.com/icmbio



youtube.com/canalicmbio



[@icmbio](https://instagram.com/icmbio)



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL